

IDENTIDADE NIPO-BRASILEIRA E HOMOSSEXUALIDADE¹

Fábio Ricardo Ribeira

Mestrando em Antropologia Social (PPGAS/UFSCar)

Orientador: Igor José de Renó Machado (PPGAS/UFSCar)

Resumo

Em um contexto moderno, os desafios das chamadas identidades hifenizadas, tornam-se ainda mais complexos, visto que o sujeito é conceituado como isento de uma identidade fixa ou essencial. Essa problemática mostra-se amplificada quando esses mesmos sujeitos procuram articular outras práticas que não sejam prescritas ou legitimadas pelo contexto social onde estão inseridos.

Este trabalho propõe um movimento reflexivo para investigar as implicações entre identidade cultural e homossexualidade, adotando o universo dos descendentes de japoneses no Brasil, freqüentemente chamados de “nipo-brasileiros”. O estudo é realizado através da observação de um grupo de nipo-brasileiros homossexuais que se relacionam na Internet através de um fórum de discussões com o propósito de articularem questões ligadas à identidade nipo-brasileira e à vivência da homossexualidade, além de promoverem encontros “reais”, fora do ambiente virtual, com os integrantes do grupo.

Palavras-chave: Homossexualidade, Identidade Nipo-Brasileira, Transnacionalismo.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está ancorada dentro dos estudos de migrações transnacionais e define como objeto de estudo a construção de uma identidade nipo-brasileira por parte dos migrantes japoneses que aportaram no Brasil e seus descendentes. Também procura investigar a maneira como essas pessoas inserem-se e são inseridas no contexto brasileiro.

Esta investigação privilegia o grupo dos nipo-descendentes homossexuais masculinos como uma tentativa de explicitar os pontos de inflexão e tensão que a construção e operacionalização de uma identidade homossexual acarreta à identidade nipo-brasileira, revelando uma dimensão sexuada do processo de construção e negociação identitária.

Os primeiros contingentes de migrantes japoneses chegam ao Brasil como uma tentativa de substituir a mão-de-obra européia empregada nas fazendas de café, que começava a rebelar-se contra as péssimas condições de trabalho a que eram submetidos.

A inserção dos japoneses em terras brasileiras foi “nada fácil”, já que muitos eram os obstáculos que se apresentavam às famílias que chegavam às fazendas de café, pois não

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

conheciam a língua, possuíam hábitos extremamente diferentes dos brasileiros e uma expectativa do retorno do seu trabalho muito além da oferecida pelos seus empregadores Lesser (2001). Além disso, os japoneses não favoreciam o projeto de branqueamento da população proposto pela elite brasileira no século XIX, já que eles não se enquadravam no padrão da identidade brasileira calcada no mito das três raças fundadoras, além de apresentarem um fenótipo que facilmente os diferenciavam dos demais (Sasaki, 1998). Como afirma Oliveira (1997), isso se deve a uma característica fundamental da sociedade brasileira, que é a caracterização racial através dos traços físicos e não em termos sanguíneos ou culturais.

Autores como Stuart Hall (1995), Giddens (2002) e Lesser (2001), apontam para um momento de descristalização das identidades, onde o sujeito é desprovido de uma identidade fixa assumindo diferentes identidades em momentos diversos. É dentro deste contexto que este trabalho propõe um olhar sobre a maneira com que os descendentes da colônia japonesa no Brasil vivenciam a homossexualidade masculina e quais as possíveis implicações com a chamada “identidade nipo-brasileira”, frequentemente atribuída a este grupo.

À PROCURA DO OBJETO DE ESTUDO

Coincide com o período da minha graduação em Ciências Sociais o momento em que eu comecei a frequentar o circuito GLS² da cidade de Campinas, interior de São Paulo. Não demorou muito para que uma constatação viesse à tona: a quase completa ausência de descendentes de japoneses frequentando as boates, bares e festas destinadas ao público GLS. Durante um período de aproximadamente três anos, em que frequentei uma das maiores boates GLS do interior de São Paulo, localizada na cidade de Campinas, recordo-me ter me deparado com apenas dois nipo-descendentes frequentando o local.

Nas rodas de amigos que também frequentavam esse mesmo circuito a constatação era a mesma, o que gerava frequentes comentários, como: “será que existe japonês gay?” ou “alguém já viu um japonês gay?”. Embora a região de Campinas não tenha recebido um número muito elevado de imigrantes japoneses se comparada a outras regiões do estado de São Paulo, a presença do descendente é facilmente encontrada na região, o que deixava o fato ainda mais intrigante.

² A sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) refere-se a idéia de gay friendly adotada nos Estados Unidos e na Europa.

As respostas para essas perguntas começaram a aparecer ao mesmo tempo em que eu começava a enveredar pelos caminhos da virtualidade, descobrindo os sites de relacionamento e as salas de bate-papo GLS que a Internet oferecia. À medida que comecei a freqüentar o ambiente virtual, comecei a me deparar com um número considerável de homossexuais nipo-descendentes buscando relacionar-se com outras pessoas, vivenciando assim, sua orientação sexual.

Dessa forma, as respostas foram sendo encontradas. Existiam, sim, gays descendentes de japoneses. Eles só não estavam nos bares e nas boates, mas sim, na Internet. Essas foram apenas as primeiras respostas dos muitos questionamentos que se seguiram e que são tomados como fio condutor para as reflexões desta pesquisa.

O campo de pesquisa começava a ser delimitado. A constatação da presença dos homossexuais nipo-descendentes na Internet deixava claro que este era um cenário importante para a investigação e o entendimento da dinâmica envolvida entre a vivência da homossexualidade e a operacionalização da identidade nipo-descendente.

O CAMPO E AS PRIMEIRAS INCURSÕES

Assim como relatado anteriormente, a observação do objeto de estudo foi fundamental para a escolha do meio virtual como o principal campo de pesquisa para a realização deste trabalho.

Ao eleger a Internet como campo para a pesquisa, alguns questionamentos quanto à aplicabilidade deste recurso para a investigação antropológica surgiram. O virtual está em oposição ao real, conforme rotineiramente veiculado através do senso comum? Segundo Pierre Lévy (1996), o virtual é um processo que rearticula as noções de espaço e tempo, se encontrando em oposição não ao real, mas sim, ao atual. Assim como a linguagem virtualizou a emoção, as ferramentas tecnológicas virtualizaram as ações.

Uma comunidade virtual é marcada pela desterritorialização. O grupo existe, seus projetos, afinidades e interações sociais, mas não está presente no aqui e agora, não tem lugar estável (Dornelles, 2003).

Definida a Internet como espaço de pesquisa, selecionei o site de relacionamento virtual *orkut* e dentro deste uma comunidade autodenominada “Orientais Sexy Cool do Brasil”³. O *orkut* disponibiliza uma interface onde o usuário cria um “perfil” com suas características e,

³ A comunidade foi criada em 10/05/2004, contando em 28/04/2008 com 1.406 participantes. (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=56542>).

através da rede, adiciona amigos (outros usuários) ao seu perfil, à medida que também é adicionado por outros usuários. Além dos perfis, os usuários podem criar comunidades para a discussão de assuntos variados (fóruns de discussão), das quais qualquer usuário pode também participar mediante autorização dos seus mediadores.⁴

A comunidade não intitula-se como GLS, sendo aberta aos usuários de qualquer orientação sexual. Abaixo, segue o texto da sua descrição, redigida pelo próprio criador da comunidade:

“Para os homens, mulheres e gays que curtem a cultura e a beleza dos orientais e que não pensem que só fazemos sorrir feito idiotas e tirar fotos em viagem...”

Esta comunidade é para pessoas liberais, sem neuras e que não tem grilos de discutir assuntos os mais variados”

Sua configuração é bem heterogênea, incluindo orientais (denominação utilizada pela comunidade para todos os descendentes de origem asiática) e não-orientais, sendo que podemos observar o predomínio de três grupos majoritários: os descendentes de japoneses, os descendentes de chineses e os não-orientais.

Após criar um perfil no *orkut*, comecei a acompanhar as discussões na comunidade apenas como observador e, pouco tempo depois, solicitei minha inclusão e passei a participar das atividades.

Uma vez sentindo-me inserido, postei um tópico na comunidade no qual eu apresentava minha pesquisa e lançava o convite para os nipo-descendentes gays do sexo masculino que quisessem participar, além de deixar meus telefones e e-mail para contato. Por duas vezes consecutivas meu tópico foi barrado pelos moderadores. Então, resolvi entrar em contato com um deles para saber o motivo de tal veto. Sem saber do ocorrido, já que a comunidade é gerenciada por três moderadores, esse moderador postou um tópico perguntado aos outros o que havia ocorrido. Imediatamente um dos moderadores, nipo-descendente, manifestou-se assumindo a responsabilidade pelo veto, desqualificando a importância da pesquisa. A partir desse momento, vários nipo-descendentes também se manifestaram em apoio à pesquisa gerando uma grande discussão dentro da comunidade.

Dessa maneira, surgiram os primeiros interessados em participar da pesquisa e deu-se então o início das primeiras entrevistas exploratórias com os integrantes da comunidade que atendiam ao perfil da pesquisa.

⁴ São usuários da própria comunidade que a gerenciam aceitando novos integrantes e autorizando a exibição dos tópicos de discussão criados pelas participantes.

OBSERVAÇÕES, APONTAMENTOS E QUESTÕES

Embora o foco da comunidade não seja explicitamente relacionado ao universo homossexual, ao longo do tempo ela passou a ser utilizada quase que exclusivamente pelos homossexuais masculinos como um espaço para a discussão de assuntos relacionados à vivência da homossexualidade, às questões identitárias e, principalmente, à possibilidade de conhecer pessoas.

O uso da Internet para conseguir parceiros sexuais parece ser uma das principais estratégias utilizadas pelos homossexuais nipo-descendentes. Nas entrevistas geradas até o momento, os entrevistados afirmam que a maior parte dos seus relacionamentos afetivos ou sexuais (em alguns casos a totalidade) foram estabelecidos através da Internet.

O acompanhamento da comunidade através das discussões geradas pelos tópicos postados pelos usuários e a maneira com que estes interagem entre si revelam uma dinâmica própria, criando normas de conduta que regulam o comportamento das pessoas.

A busca por possíveis parceiros para relacionamento afetivo ou para sexo acontece de maneira subliminar, ou seja, de maneira não explícita, sendo que qualquer investida direta, que possua um apelo sexual explícito, é refutada por toda a comunidade. As entrevistas revelaram que a comunidade opera em três níveis: o primeiro, dentro do próprio orkut, de maneira assíncrona, isto é, as pessoas não conversam em tempo real, já que a comunidade funciona como um mural de recados; o segundo nível é caracterizado pela utilização de uma outra ferramenta virtual chamada MSN⁵ que proporciona a conversação em tempo real entre duas ou mais pessoas; e a terceira são os encontros reais entre as pessoas da comunidade que acontecem em boates e bares.

Outro apontamento interessante são as reflexões que a própria comunidade faz sobre o estereótipo atrelado à figura dos nipo-descendentes e dos orientais em geral. Seguem alguns comentários colhidos em um dos tópicos postados na comunidade, por um dos seus integrantes, que tem como título: “Como vcs vêem os orientais na mídia nacional?”:

“Penso q está na hora dos orientais se emanciparem no nosso país. Fico com a sensação q somos tratados como estrangeiros, qdo não somos exteriorizados. Como os negros conseguiram a sua emancipação (hoje vemos negros/as lindíssimos nas ruas, orgulhosos de si), acho q está na nossa hora!”

⁵ Ferramenta síncrona de “bate papo” através da Internet.

“Acho que a mídia deveria tratar a gente como alguém que vai muito mais do esquema sushi-manga-pokemon. Isso somos mas somos mais normais e menos exóticos do que eles pensam. somos brasileiros e pronto. uai!”

“E assim como homossexuais, negros, judeus, árabes, mulheres, a mídia trata os orientais de modo geral de modo caricato e estereotipado. Uma m... mas de certa forma reflete a visão que a população em geral tem de nós.”

“horrível, ateh parece outra especie não humana. por que? hora disto mudar”

O estereótipo do nipo-descendente veiculado não só pela mídia, mas também pela sociedade brasileira de maneira geral, alterna elementos que ora exaltam algumas características desses indivíduos e ora depreciam outras, podendo diminuí-los ou valorizá-los em diversos sentidos. É comum, por exemplo, esse estereótipo exaltar características como inteligência, disciplina, força de vontade, respeito à família como inerentes aos nipo-descendentes, mas também atribuir a esse grupo características como timidez, pouca sensualidade, baixa potência sexual, pênis pequeno, submissão, entre outras.

A construção desse estereótipo pode ser entendida através do processo de exotização que aqui é tomado nos termos de Machado (2003), e que pode ser entendido como movimentos de exacerbação, solidificação e essencialização do outro. Um exotismo coletivamente representado e significado, mas também produzido através da ação coletiva de indivíduos.

Também é interessante nos aproximarmos da idéia do orientalismo de Said (1990) que seria um modo de construir o oriente através do “olhar ocidental”, um discurso de dominação e subordinação, produzindo imagens estereotipadas e essencializadas. As imagens elaboradas pelo orientalismo geram identidades esvaziadas de conteúdo, com pouca profundidade histórica e que extrapolam um simbolismo inerte criando visões de mundo e reflexões sobre o “ser” no mundo (Machado, 2003).

A comunidade virtual da qual os nipo-descendentes fazem parte revela um dado novo sobre os processos de essencialização e exotização do outro, além de apresentar outras questões às reflexões sobre as tentativas de inserção do “diferente” (no caso os nipo-descendentes) na matriz racial brasileira. É o que podemos chamar de uma dimensão sexuada do processo de exotização do nipo-descendente.

O ambiente virtual no qual os usuários da comunidade relacionam-se, revela a veiculação de um estereótipo dos nipo-descendentes que foge, em certa medida, ao operado pela sociedade de maneira geral. Os nipo-descendentes, vistos como objeto do desejo do outro (quase sempre um não-descendente) respondem a um outro imaginário, a um outro estereótipo. Outras características dos indivíduos são eleitas como positivas e passam a valorizar a figura do nipo-descendente: fidelidade, habilidade sexual marcada pela delicadeza, docilidade, respeito, cuidado com o outro, entre outras. Assim, quando alvo do fetiche, o nipo-descendente é apresentado a esse estereótipo que valoriza características que até então eram depreciadas pelo estereótipo habitualmente veiculado na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade “Orientais Sexy Cool do Brasil”, vista como um espaço onde identidades e estereótipos são veiculados dentro de um jogo de interesses, mostra-se produtiva para a reflexão sobre um movimento de inclusão dos nipo-descendentes dentro da matriz racial brasileira. A existência de um estereótipo do nipo-descendente, diferente do veiculado na mídia, aponta para uma exposição desses descendentes a diferentes processos de exotização ao que poderíamos chamar de um processo de “exotizações em ondas”, que, ora aponta para uma abertura de espaço e uma possível inserção desses descendentes, ainda que periférica, ao núcleo duro da matriz racial, ora aponta para a racialização inflexível. Por fim, explorar uma dimensão sexuada desse processo de exotização dos nipo-descendentes mostra-se promissor para refletir sobre os mecanismos para a inclusão do “outro” e para identificar novos espaços de construção identitária.

BIBLIOGRAFIA:

DORNELLES, Jonatas. *Planeta Terra, Cidade Porto Alegre: uma etnografia entre internautas*. Dissertação de Mestrado, PPGAS: Porto Alegre, UFRGS, 2003.

GIDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Zahar, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural e diáspora, In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol.24, Brasília, 1996.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Editora UNESP, São Paulo, 2001.

LÉVY, Pierre. *O que é Virtual?*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MACHADO, Igor José de Reno. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal* / Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas, UNICAMP, 2003.

OLIVEIRA, Adriana Capuano. *Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão: a trajetória de uma identidade em um contexto migratório*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Campinas, UNICAMP, 1997.

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SASAKI, Elisa. *O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento de kassegui*. Dissertação de Mestrado em Sociologia na Universidade Estadual de Campinas, 1998 .